

O MITO DO DILÚVIO EM *O GUARDA-ROUPA ALEMÃO*, DE LAUSIMAR LAUS

Andréia F. de Melo CUNHA
Universidade Federal de Goiás
andreiamols@yahoo.com.br

Resumo: Sob o enfoque da crítica do imaginário, este artigo analisa o mito do dilúvio atualizado no livro *O Guarda-roupa alemão*, de Lausimar Laus. O dilúvio se refere a uma grande quantidade de chuvas que põem em perigo todo um mundo. Sua composição mitológica envolve aspectos recorrentes, como a necessidade de reestruturar um universo marcado pela corrupção. Em *Guarda-roupa alemão*, o dilúvio se identifica com a enchente de 1911, que devastou a região do vale do Itajaí. A forma como a tragédia é narrada aproxima-a do dilúvio bíblico e coloca história e mito frente a frente. O objetivo deste trabalho é mapear essa manifestação do mito na obra.

Palavras-chave: Crítica do Imaginário; *O guarda-roupa alemão*; dilúvio.

O Guarda-roupa alemão, escrita por Lausimar Laus em 1970, é uma obra que retoma a história de Blumenau através das memórias de Homing, último sobrevivente da família Ziegel. Seguindo o fio do relato de Homing, é desenhada a trajetória dessa família de imigrantes alemães que fincou raízes no Brasil. Os acontecimentos dos últimos cem anos são remontados em flashback, com a interpolação da narrativa da professora Lula, testemunha da grande enchente de 1911, a qual devastou a região. A presença da água, nesta obra, tem contornos peculiares, ao revelar uma potência irascível e transformadora. Com sua força de devastação, a água intensa conclama mitemas ligados ao mito do dilúvio, que aparece nas mais diferentes culturas do mundo, sempre relacionado à capacidade das chuvas de inundar e devastar um mundo conhecido. Sob o enfoque da Crítica do Imaginário, a proposta deste trabalho é analisar como o relato mítico do dilúvio aparece em *O Guarda-roupa alemão*.

A narrativa começa com Homing diante do armário, *kleid*, que acompanhou a trajetória de toda sua família. O *kleid* havia sido trazido pela bisavó Ethel da Alemanha, quando ela se casou e resolveu que sua vida seria a de colona, no Brasil. Em seu interior, todos os acontecimentos da família foram guardados, desde a papelada de imigrante do velho Ervin Ziegel aos papeis de casamento, bem como as certidões de nascimento e óbito, os assentamentos e demarcações de terras.

Homing, um homem alquebrado e doente, com sessenta anos, triste com o mundo que vê ao seu redor, rememora os fatos marcantes de sua família a partir das emoções que a venda do casarão colonial à moda da antiga Baviera, e, com ele, do velho *kleid* desencadeia. Recuperando o diário do pai, Homing restaura as lembranças de Lula, a bela professora que viera de Itajaí. Pobre, nascida quase de caboclos, ela sofre em uma colônia de alemães que têm uma relação tensa com os brasileiros e com a língua portuguesa. O rio Itajaí-Açu, que Lula percebe, é enfurecido: “Senti isso numa tarde em que olhava o rio Itajaí-Açu, numa cheia. Era impetuoso, arrastava tudo, os troncos, as tábuas, os toros de madeira” (LAUS, 2009, p. 40), ao contrário do rio que aparece em outros momentos da história.

Lula vive com uma tia, Maria Clara, e duas primas, Cidinha e Dora. Um dia, são surpreendidas pela chegada de Menininha, filha adotiva dos Bürmann, que teria que ficar hospedada com elas até que o pai fizesse uma cirurgia de hérnia. Seu Tibúrcio e Dona Tita, os pais de Menininha, não confiavam em ninguém para cuidar de sua preciosa menina, então

com quinze anos, fechada a sete chaves. Nunca saía, tinha professora particular para não ter contato com ninguém e dormia cedo para não ver o luar e ter ideias inapropriadas.

Menininha é dona de uma “beleza comprometida” (LAUS, 2009, p. 46), daquele tipo que, por ser excessiva, parece amaldiçoada. Essa impressão de beleza meduseia apenas se confirma: a menina é tihosa, torna-se amante de Ataliba, barqueiro do Blumenau, o vaporzinho que faz o transporte de Itajaí. Ataliba é casado e tem filhos. Mas a lista de experiências amorosas de Menininha é extensa, como Lula descobre depois. É no contexto da descrição das perversões de Menininha que começa a tempestade, que desembocará na grande enchente de 1911.

As impressões de Lula são registradas: “A chuva caía lá fora, com uma sofreguidão, como se aquele desejo da terra seca tivesse sido satisfeito. Nunca vira antes tanta chuva assim” (LAUS, 2009, p. 66). Ao entrar na capela para rezar e pedir uma orientação para os problemas com Menininha, Lula observa:

“Na grande vidraça da saleta, os relâmpagos eram a única luz que ainda me fazia divisar os vultos das freiras a correrem de um lado para outro. No grande vitral, a figura de Nossa Senhora, fugindo com Deus-Menino, montada no burrico, com São José de cajado na mão, que nunca antes tinha sido tão iluminada” (LAUS, 2009, p. 66 - 67)

É interessante que o vitral vislumbrado por Lula seja o que retrata uma fuga, o que em breve todos em Blumenau terão que fazer. Irmã Salustiana faz a primeira menção ao dilúvio: “[...] Dez horas e esta escuridão. Nunca vi semelhante noite às dez da manhã. E a chuva? **Parece um dilúvio!**” (LAUS, 2009, p. 67, grifo nosso). Até mesmo o empregado das irmãs tem que se proteger da enchente agarrando-se ao pé de maria-mole para não ser levado. O desespero toma conta dos moradores ao verem suas coisas sendo carregadas pela violência das águas. A solução das vítimas é se abrigarem no morro das freiras, o lugar mais alto da região, onde falta água e comida para tantos refugiados.

A família Ziegel ajuda bastante: *Frau Ziegel*, o marido e a cunhada. Mas a índia Sacramento só reza e diz que aquilo é “castigo do céu” (LAUS, 2009, p. 80). Acontece a segunda menção ao dilúvio, na retomada que Lula faz do pensamento de todos os que foram atingidos pela fúria das águas: “Não queriam pensar no amanhã. E haveria amanhã? Aquilo parecia mesmo o **segundo dilúvio**...” (LAUS, 2009, p. 76, grifo nosso).

As pessoas, recolhidas junto às freiras, rezam muito, apavoradas, acuadas, mas a chuva continua em cantochão, furiosa. Árvores inteiras são carregadas, “com ímpetos de selvageria” (LAUS, 2009, p.81), a água se torna barrenta, ela agora é masculina e concentra forças de destruição. Lula novamente faz menção ao dilúvio:

Pensava só no dilúvio da Bíblia que vó Pacífica lia para a gente, nas noites de inverno, em redor do fogão. Já planejava sozinha, sem dizer a ninguém, a esperança de uma arca. **Quem pudesse fazê-la, como fez Noé!** Assim estaríamos bem. (LAUS, 2009, p. 81, grifo nosso)

No meio do tormento, insulados os moradores de Blumenau no morro das freiras, Lula encontra uma oportunidade de confrontar Menininha e desmascará-la. Mas ela não estava preparada para a desenvoltura da moça, que não só confessa suas fraquezas, como quer ser chamada de chica carnaval: “Pode chamar, eu gosto de ser. Olha, se me chamar de santa eu me arrepio toda de raiva” (LAUS, 2009, p. 87). A menina conta de seu envolvimento homossexual com Zoraide, na verdade, relata sobre o abuso sexual que sofria, ainda criança: “Não sei por que, achei que aquilo não estava direito. Eu devia namorar um homem. Talvez aquilo fosse paixão, mas ao mesmo tempo dava uma revolta, uma espécie de asco, uma ânsia,

quando me lembrava de tudo” (LAUS, 2009, p. 87). Depois vieram outros amantes, uma lista considerável para uma garota de quinze anos, tudo na tentativa de esquecer Zoraide, o verdadeiro amor.

Lula se indigna:

Aquela voz envelhecera uma criança. Não era da Menininha! Não seria possível que eu estivesse ouvindo. Virei-me, rápido, como acordada de um torpor estranho e mil dias teriam passado por aquela boca de flor aberta na manhã. Não era uma flor. Era um cardo perdido no deserto (LAUS, 2009, p. 88).

No decorrer desses tensos confrontos, o dilúvio é mencionado mais duas vezes, além das já referidas, sempre pela boca de Lula. É importante retomar em que termos o dilúvio aparece na Bíblia: a maldade e a corrupção cresciam no mundo de maneira assombrosa. Deus se arrepende de ter feito o homem. Resolve exterminá-lo da face da terra, junto com os animais, os répteis e as aves do céu. No entanto, opta por poupar Noé por ele ser um homem justo, íntegro e temente. Ordena a Noé que construa uma arca, oferecendo-lhe até mesmo suas dimensões. Em seguida, esclarece sobre seus planos: “Eu vou mandar o dilúvio sobre a terra, para exterminar todo ser vivo que respira debaixo do céu: tudo o que há na terra vai desaparecer” (BÍBLIA, 2003, p. 19. Gn.6,17). Nas notas de rodapé da edição utilizada neste artigo se lê:

Inspirada nas inundações periódicas dos grandes rios, a narrativa do dilúvio é típica das antigas culturas médio-orientais. Os autores bíblicos a utilizaram por causa do seu *significado simbólico*: o dilúvio é uma volta ao caos primitivo (comparar Gn 1, 6-30 com 6,17 e 7, 18-24). Contudo, qual é o dilúvio que acontece na história? São os acontecimentos catastróficos gerados pela auto-suficiência, que chega a formas tão extremadas que produz o caos na natureza e no mundo humano (BÍBLIA, 2003, p. 19-20).

Os autores das notas citam a existência de outras narrativas do dilúvio, muito comuns nas culturas médio-orientais. De acordo com Philip Freund (2008, p. 20), “uma compilação mostra que há mais de quinhentos mitos do dilúvio, pertencentes a mais de 250 povos ou tribos”. Afora o dilúvio judaico, há, portanto, uma grande quantidade de outros dilúvios. Inúmeros poderiam ser recuperados, como o descrito na Epopeia de Gilgamesh ou o grego, que sustenta o mito de Deucalião. O que nos interessa, porém é apenas destacar que o dilúvio bíblico não é um fenômeno isolado. Essa terrível inundação teria coberto todo o mundo, mudando a geografia do planeta.

Em alguns casos, ela está ligada à percepção de um mundo arruinado e corrompido, em outros, acontece por um capricho divino ou em virtude de um desentendimento entre os deuses. Mas, na Bíblia, o dilúvio é castigo. Para os comentadores que mencionamos, ele é gerado a partir da “auto-suficiência, que chega a formas tão extremadas que produz o caos na natureza e no mundo humano”. A questão, portanto, é *moral*: a auto-suficiência constitui-se em desafio da lei natural. Além disso, os comentadores não questionam a existência do dilúvio da história, localizam-na nela, ao asseverar que tais relatos se baseiam nas cheias periódicas dos rios.

Voltando à obra de Lausimar Laus, é possível perceber que o mundo que Lula vê, personificado na figura etérea de Menininha, é contaminado de malícia e perversidade. Lula acredita na força da fé, tanto que se culpa por não ter recorrido à oração antes: “Eu, que fora Filha de Maria, por que não pensava em Nossa Senhora, para me ajudar a esclarecer a minha mente?” (LAUS, p.59-60). A percepção desse mundo arruinado, comprometido por Zoraides e

Atalibas, tem seu papel na percepção da enchente como o “segundo” dilúvio. Não se questiona a existência do primeiro dilúvio, ele é factual.

É absolutamente normal que sob forte chuva se façam associações com o dilúvio. Pode-se dizer que todo mundo faz isso no contexto cristão. É natural que, sob trovões e raios, venha à tona a lembrança da narrativa bíblica porque ela está imantada à nossa formação e caiu no senso comum. Por isso, como narrativa mítica, o dilúvio bíblico perdeu muito de sua força, faz parte de uma tradição esvaziada de sentido. Bachelard (1998, p. 43) trata em *A água e os sonhos* sobre os “complexos de cultura” que seriam manifestações da cultura escolar, tradicional, débil de força. Tais complexos fazem parte de uma tradição “ingenuamente racionalizada” (1998, p. 43). De carona com a análise do autor, é possível afirmar que o mito diluviano goza de uma sobrecarga mitológica que o enfraquece, o fardo de ter sido explorado à exaustão compromete a sua potência original, a ponto de poder-se afirmar que, quando alguém, sob um temporal, fala de um novo dilúvio, repete apenas o que já há em repouso no senso comum.

É nesse ponto que a obra de Laus nos surpreende. A constatação de que o mito diluviano se constitui em um complexo de cultura, combatido pelo excesso de carga mitológica, não faz sentido para os moradores de Blumenau durante a cheia de 1911, sobretudo não faz sentido para Lula. Como ela relata, o desespero transformou a lembrança do dilúvio bíblico em uma ameaça palpável e real. Além disso, a afirmação de que se está sob a ameaça de um novo dilúvio tem implícita a ideia de que é necessária uma *purificação*. O dilúvio é, no contexto cristão, uma punição para as iniquidades dos homens. Se “cada época, cada momento cultural apenas guarda [do mito] o grupo de lições que lhe convém” (DURAND, 1996, p. 255), o dilúvio poderia ser associado à percepção do excesso de chuvas e somente isso. Mas o mitema da purificação que acompanha o dilúvio bíblico está profundamente presente em *O guarda-roupa alemão*. O mundo que Lula vê, através do comportamento de Menininha, é inadequado e doente. Dizer que um novo dilúvio se aproxima poderia soar vazio de sentido, não fosse Lula a contar como tudo se deu em 1911. Por que Lula, que não era da família Ziegel, que pouco tinha a ver com o guarda-roupa, é convidada a contar essa história? Primeiro, porque ela é profundamente religiosa. De fato, acredita nas palavras de Sacramento, para quem o que estava acontecendo era *castigo*. Depois, há o mal-estar provocado pelas histórias de Menininha, o qual não seria tão efetivo se fosse outra a sensibilidade do narrador.

Como no dilúvio bíblico, uma embarcação faz o transporte das pessoas, “das galinhas, patos e coelhos” (LAUS, 2009, p. 154), é o Blumenau, o vaporzinho conduzido por Ataliba. Mas Ataliba não é Noé: o relacionamento espúrio com Menininha culmina no suicídio de sua esposa. Ele não instaura um novo mundo ou novos parâmetros de comportamento, ao contrário, faz perpetuar a corrupção que Lula, triste, percebe ao seu redor.

A associação com o dilúvio, na obra de Laus, não é, portanto, gratuita. De fato, ela aponta para o mito diretor que a sustenta. Se, na perspectiva de Durand (1996, p. 246), toda narrativa possui estreito parentesco com o *sermo mythicus*, se ela apresenta o mito como modo matricial, é preciso procurá-lo. A caça ao mito é um convite proposto pela mitocrítica. O dilúvio aparece em *O guarda-roupa alemão* somente durante a narrativa de Lula, a qual ocupa pouco espaço na história, e apenas como sugestão da catástrofe que foi para os moradores da região do Vale do Itajaí a cheia do Itajaí-Açu naquele ano. Mas a percepção de um mundo em ruínas é tão forte que se constitui no *leitmotiv* do livro.

É por isso que, para Homing, a despedida de *Kleid* e da casa é tão dolorosa. Ele diz:

Com sessenta, não presto mais nem para guardar coisas. O homem foi feito para sentir. Hoje as coisas mudaram, velho. As coisas, como tu, têm seu

valor. Tu não precisas de nada. Nunca precisaste. A cidade mudou. Os jardins também. Blumenau, o “Campo das Flores” do velho Ziegel virou fumaça das fábricas. As casas da velha Colônia foram destruídas. Nova arquitetura. Novas visões do rio. Onde os chorões? Onde as barcaças? Onde as canções dos velhos canoieiros? O violino do barbudo Sperber? Tu te lembras de tudo. Eu sei. Tu aí e o barbudo chorando no violino. Todo mundo sentado à volta dele. As noites eram estreladas. Grandes. (LAUS, 2009, p. 7)

A saudade do que foi Blumenau, agora maculada pelos desmandos dos governantes brasileiros, provoca uma profunda desilusão. Homing se identifica tanto com o guarda-roupa porque ele é a síntese do que antes foi a cidade. O *Kleid* sobreviveu ao dilúvio, apesar de ter sido completamente coberto pela água furiosa.

Mas, depois das perseguições e mortes perpetradas na Era Vargas e os horrores de uma guerra de proporções mundiais, cuja grande algoz tinha sido a própria Alemanha, nada mais oferece o mundo, nada do que se orgulhar.

O mundo virou do avesso. As cidades são praças de guerra. Tu saberias imaginar uma matança cotidiana? Hoje sou como vidro moído, todo espatifado. Como é que se podem unir fragmentos, vó? Tu me podes ensinar um chá, daqueles teus? Para todas as dores, para aquela coisa cá dentro que despedaça? Ah! As tuas folhas verdes, remédio para o equilíbrio. O Diário de Klaus, teu marido, foi quem me contou tua primeira noite de amor. Foi tempestade dentro de tempestade, mas que ternura envolvendo, mas que tormento aplacado! (LAUS, 2009, p. 33)

Homing, filho de um nazista, neto de nhambiquara, é o retrato do homem fracionado, composto de mil fragmentos. Sua herança familiar é a posse de um segredo estarrecedor que ele não consegue suportar. O peso do mundo arruinado pelas noções de superioridade racial, do medo da degeneração e do atavismo, cai sobre seus ombros no momento em que encontra a ossada de Hilda e compreende toda a extensão do drama que marca a trajetória de sua família. O mitema da purificação, tão forte no dilúvio bíblico, não é ligado a percepções de raça. Por isso, a corrupção e o mal não estão, afinal, fora do seio familiar, estão ali, no interior do *kleid*, esperando o momento certo de virem à tona e revelarem toda a sua grotesca figura.

REFERÊNCIAS

A CRIAÇÃO E O DILÚVIO: segundo os textos do Oriente Médio Antigo/vários autores. Tradução de Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Documentos do mundo da Bíblia. v. 7).

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BÍBLIA *Sagrada*. Tradução, introdução e notas de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2003.

BUDGE, E. A. Wallis, Sir. *A versão babilônica sobre o mito do dilúvio e a epopeia de Gilgamesh*. Tradução de Marielza Corrêa. São Paulo: Madras Editora, 2004.

DURAND, Gilbert. Passo a passo mitocrítico. In: _____. *Campos do Imaginário*. Tradução de Antônio Oliveira Cruz. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. P. 145-169.

FREUND, Philip. *Mitos da criação: as origens do universo nas religiões, na mitologia, na psicologia e na ciência*. Tradução de Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2008.

LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 6. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

MARTINS, Oliveira. *Mitos da religião*. São Paulo: Masdras, 2004.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de mitologia greco-latina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

VIEIRA, Vilca Marlene. *O símbolo em O guarda-roupa alemão*. Travessia. v. 4, n 10, 1985. www.periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17565/16139

WILKINSON, Philip. *Mitos e lendas: origens e significados*. Tradução de Angela Maria Moreira Dias, Jefferson Luiz Camargo e Simone Campos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.